

O SENTIDO ENSAÍSTICO DO ROMANCE DE VERGÍLIO FERREIRA

João Décio

Duas problemáticas importantes se colocam na obra de Vergílio Ferreira, aprofundando os termos do romance moderno em Portugal: a primeira, a busca do essencialismo, através da problemática interior, em que o romancista acolhe a certeza de que o encontro das criaturas humanas se dá através de uma identificação das essências, sendo a compreensão íntima um processo anterior ao diálogo, que seria o aparecimento da essência justificando e amparando a existência. Assim, veremos que essencialismo e existencialismo, êste como consequência daquele, explicam o processo da vida humana em vários dos romances de Vergílio Ferreira.

O existencialismo no autor está situado especialmente na luta interior para afirmar uma crença de ordem lógica, que tem origem na solução do problema da essência; é algo constantemente perseguido em romances como **Aparição** e **Estrêla Polar**, das melhores coisas que nos deixou Vergílio Ferreira. A angústia não é só algo necessário, como fundamental para a evolução da criatura humana que, através do processo de auto-análise, busca a sua unidade.

Em **Aparição**, por exemplo, a problemática de Alberto, personagem principal, se propõe no reencontro da criatura consigo mesma e na possibilidade dela como revelação para as outras, especialmente para Ana que, vivendo dentro de um comodismo de ordem burguesa, estava necessitando de uma reformulação de sua vida.

Da problemática essencialista resultam os termos existencialistas do romance, por exemplo, a morte com toda sua

carga de inverossimilhança lança o homem ao desespero, à busca de uma interpretação dramática da vida. A criatura vergiliana evolui grandemente dentro desta dramática, con-substanciada numa sucessão de crises, portanto para o autor de **Aparição**, o crescimento da criatura em termos de humanidade só se verifica neste processo de sucessão de crises de ordem essencial que projetam a problemática existencial. Portanto, na obra de Vergílio a criatura busca a consciência de si mesma num processo de luta interior, fazendo lembrar as palavras de Charles Moeller:

“El hombre, en el existencialismo, representa la irrupción de la conciencia libre en um mundo que el conocimiento aprehende en su realidad. Este conocimiento está inevitablemente afectado por un coeficiente de relatividad, por el hecho de la “situación» concreta del hombre.”¹

No caso de **Aparição**, a existência humana não se mede pelo fato de se alcançar algo colimado, mas antes pelo processo da luta interior, do processo de afirmação, através do qual o homem se autentifica, por revelar-se a si mesmo, e por provocar a revelação nas criaturas humanas com as quais entra em contacto. Esta é a dinâmica que se impõe na ficção de Vergílio Ferreira, já que embora o elemento romanesco possa variar nos romances, há um elemento identificador que é a busca da unidade, através também da angústia, que é também processo de crescimento na visão vergiliana da realidade.

Assim, uma série de atos existenciais para afirmar o eu perante o tu e diante da sociedade, daí a ficção de Vergílio ser também uma superação da neutralidade e constituir-se numa atitude anti-burguesa pelo que traz de não aceitação dos valores estabelecidos, já que estes estão sujeitos à crise, estabelecida pela atitude intelectualizante do artista.

A dramática se põe num homem que crê na existência e procura com ela tornada dinâmica, valorizar a essência, numa

(1) Charles Moeller — *Humanismo y Existencialismo*. Buenos Aires, Ediciones Humanismo, 1959, p. 25.

tentativa de justificar uma descrença inicial num Deus, não aceito na perspectiva existencialista de um Sartre, mas reconhecido e sentido em alguns momentos em que Ele se revela aos homens e na obra de Vergílio Ferreira essa revelação ou essa aparição ocorre em certos momentos em que a criatura se transfigura na vivência da arte, da música em **Aparição**, na dança em **Cântico Final**.

Uma constante no romance de Vergílio Ferreira é ainda a unidade buscada pelo ser, numa tentativa de unir o ser ao não-ser, lembrando em certo sentido a problemática fundamental da poesia de um Fernando Pessoa, que como sabemos toma também posição eminentemente intelectual perante a vida.

Assim é que o homem está em constante colocação de crise de seus valores, a fim de que possa afirmar-se perante si mesmo, ainda que como solução final se apresente a descrença, a indiferença ou a atitude contemplativa.

Claro que neste processo de existir, Vergílio Ferreira valoriza em outros termos, muitas vezes em tom impressionista (as impressões que são únicas e não se repetem na vida), a realidade circundante que se integra como projeção de subjetivo ou vice-versa.

Colocada, a nosso ver, a grande problemática do romance intelectual de Vergílio Ferreira, vejamos detalhadamente cada um deles.

Aparição resulta da tomada de consciência do homem através de uma atitude intelectual que o leva a interpretar quase que dialéticamente os atos humanos dentro de uma concepção existencialista da vida, a afirmar uma essência que para Vergílio é anterior à mesma existência.

Alberto é o principal protagonista em que Vergílio coloca os termos fundamentais do romance, já que é ele a figura que une indelévelmente as outras criaturas: Ana, Sofia, Tomás e outros, propiciando num processo, nuns casos mais elevado, noutros menos elevado, de revelação da criatura a si mesmo.

Alberto, em última análise, não resolve seus problemas, mas age de forma a que outros que têm uma crença em algo superior, ponham em crise sua vida e a resolvam. É o que ocorre na relação com Ana, em quem o principal problema é a ausência de filhos. Vindo a adotar duas crianças, resolve inteiramente seu caso que não é solução de vida senão parcial para Alberto, que busca algo mais transcendental, que afinal não alcança daí o indiferentismo ou se quisermos a posição contemplativa que passa a ter relativamente à vida.

Alberto, portanto, procura afirmar-se no sentido de que seus atos provoquem a aparição das criaturas que entram em contacto com êle, embora o processo o leve cada vez mais a uma profunda solidão, que é também uma constante no romance de Vergílio Ferreira e consequência mesmo da atitude intelectualista na análise dos problemas humanos. A solidão humana, descoberta vergiliana em termos de ficção, se coloca em termos de impossibilidade de sairmos totalmente de nós mesmos. Somos solitários em maior ou menor grau, e a solidão somente é vencida em alguns raros momentos em que ocorre o êxtase e em **Aparição** um desses momentos é aquele em que Alberto ouve a menina Cristina tocar ao piano, aproximando-se de algo que seria a essência divina, portanto há projeção através do elemento simbólico. Ocorrem assim, momentos de integração do homem com a eternidade, coroando a luta desenvolvida em torno de uma meta a ser alcançada.

O processo criacional de Vergílio Ferreira é simples: parte de elementos reais, possivelmente autobiográficos para chegar à ficção e nem por isso sua obra tem menos valor. Assim é que em **Aparição**, Alberto é um professor que leciona em Évora e bastante dedicado aos alunos, o que lembraria algo de verdadeiro na vida de Vergílio. Temos, então, a perspectiva individual das coisas transportada para uma problemática universal dos elementos.

As duas linhas exponenciais do romance são aquelas em que o protagonista se liga a Sofia e a Ana, as duas irmãs, no

romance. Com a primeira se coloca a linha existencial e a realização em termos de existência com base num disfarçado e intenso sensualismo.

A linha existencialista mostra a maior presença do homem no mundo, através de um grande erotismo que no fundo está perfeitamente de acôrdo com o grave espiritualismo dentro da criatura, não havendo crise nestas duas direções do homem eis porque são constituintes imprescindíveis ao equilíbrio interno e externo.

Alberto consegue se libertar de Sofia, porque além da atração sexual, que avulta de importância para um homem que estava isolado geográfica e espiritualmente, não tinham pontos comuns, daí, cedo ou tarde a inexorável separação e o esquecimento total. Entre Alberto e Sofia não houve afinal o encontro de essência e sim das existências, o que mostra a fragilidade de laços que uniam as duas criaturas dentro do romance e diferentemente ocorre entre o mesmo Alberto e Ana, onde a integração das essências é anterior ao diálogo e embora o doloroso dos encontros iniciais, Ana reconhecerá o sentido de revelação, de "aparição" que o protagonista tem para ela.

Nestas circunstâncias avulta de significado a relação entre as criaturas no processo de auto-afirmação a que tôdas estão sujeitas na participação integral que Alberto realiza em todos com quem entra em contato:

«Vejo-me pelos olhos de Chico, vejo-me pelos olhos de Ana, de Alfredo, sinto-me pessoa na pessoa dêles, reconheço-me um todo fechado do lado de lá, medito-me a mim próprio na pessoa dêle, sinto-me uma quadrupla força misteriosa, fechada sôbre si." Olho cada um dêles, penso o ser estranho de cada um, com um tipo de gestos, de voz, a luz viva que é êles. Penso por Ana: "Vejo o meu marido um pouco tolo, coitado, vejo o Alberto, extraordinariamente magro, de pequeno bigode estúpido, porque usa você bigode? "Eu lhe digo, Ana, eu lhe digo: para me ajudar à personalidade. Está satisfeita?" 2.

O “eu” como vemos procura não só retirar as impressões que tem do tu como pensar e sentir como tu vendo o eu, neste processo de integração, de revelação de umas criaturas para outras.

Não só como temática mas também na colocação da problemática do tempo que existe num processo de continuidade entre o presente, o passado e o futuro, portanto numa superação das idéias comuns acêrca do tempo, o romance **Aparição** constitui algo de inteiramente nôvo na moderna romancística portuguesa.

Confirma-se o romance, portanto, como revelação de algumas novidades dentro da linha ficcionista que vai abandonando aos poucos aquela problemática social posta pelos neo-realistas das primeiras horas, para colocar a dramática da afirmação do homem perante si mesmo, numa justificativa constante de seu proceder em têrmos da existência.

Pela temática, pelo processo estrutural, pela problemática de ordem essencialista e existencialista, o romance **Aparição** resulta numa renovação dos têrmos romancísticos em Portugal e faz de Vergílio Ferreira uma figura ímpar na Literatura Portuguesa. Apenas êste romance e já se justificaria a colocação do autor ao lado dos grandes criadores da ficção portuguesa. Por outro lado ainda, **Aparição** é o início de um processo ainda inconsciente que vai ser descoberto e revelado no romance seguinte do autor, **Estrêla Polar**, em que a principal problemática, a comunhão humana, vai ser o coroamento da busca de integração humana, através da essência, para o romance, anterior ao diálogo. Vejamos o sentido do romance.

Adalberto, a personagem principal do romance que é narrado em primeira pessoa, busca desesperadamente a identificação profunda da essência através do encontro com a mulher ou melhor com duas mulheres, Alda e Aída. A comunhão humana com tais criaturas é contudo limitada, pois que não constituíam as figuras ideais para o processo, pois que não continham a possibilidade para o sentido da eternidade que afinal

vai ser descoberto no filho, através de uma intensa comunhão humana, num reconhecimento em termos de consciência de algo que tinha sido sugerido em **Aparição**. Em **Estréla Polar** a criatura humana que está em busca de algo transcendental consegue atingir seu desiderato mas vem a perder a comunhão humana após a morte do filho, ocorrendo então uma das mais dramáticas e pungentes cenas do romance:

“Não falo, se falasse teria medo. Sinto-me desdobrado e a outra pessoa de mim aterra-me. Há um muro de gelo a separá-las. há uma muralha de fogo. Ardem-me os olhos e a boca. Até que num ataque absurdo, autônomo, brutal, a minha boca, sòzinha, largou um urro horroroso e os meus olhos nublaram-se de um choro quente.” 3

Na destruição da comunhão consubstanciada na perda do filho, o homem se transmuda, e sente-se fora de si. Daí a automatização dos atos, a perda do contrôle, tudo isso tomado num sentido de atomizar as ações humanas, e a projetá-las violentamente para fora. É o desespero total, a abulia humana, a perda irreparável do significado da vida.

Nesta colocação profunda de alguns dramas humanos um aspecto contudo parece obscuro: Aída terá morrido ou não? O fato é que se ela não foi assassinada, pelo menos ela morreu para o narrador, portanto com relação a Alda ou a Aída não há possibilidade de comunhão, visto que parece não ter nenhuma das duas. Isto explica-se pelo fato do narrador oscilar entre as duas, numa indecisão constante. A comunhão no entanto, é tentada de várias formas: o pai com relação ao filho, o marido com relação à espôsa e o homem com relação a seus amigos.

Assim, o narrador tem elementos humanos com os quais pode se realizar no desejo de fugir à solidão e conseguir a comunhão: o que existe é uma impossibilidade, uma resistência de raiz no processo de identificação. Daí a solidão que existe pelo fato de não estarmos sós, pelo fato de existirem nossos semelhantes:

.....

(3) Ferreira, Vergílio — *Estréla Polar*, pág. 298-299.

«De resto — acrescentou ainda. — é exatamente porque não há solidão que dizes que há solidão. Imagina que eras o único homem no Universo. Imaginas que nascias de uma árvore, ou antes, do ar, porque eu quero pôr a hipótese de que não há árvores, nem astros, nem nada com que te confrontes. Supõe que o Universo é só o vazio e que tu nascias no meio desse vazio, sem nada para te confrontares. Como dizeres “eu estou sozinho”? Para pensares em “eu” e em “sozinho” tinhas de pensar em “tu” e em companhia. Só há solidão porque vivemos com os outros...” 4

Como vemos, dentro mesmo de um processo dialético, Vergílio Ferreira nos põe o problema da solidão e da comunhão. Por outro lado, tais problemas aparecem numa tomada contemplativa da vida, contemplação que conduz a um certo tom irreal de romance. Aliás, a própria contemplação consubstancia um alheamento da realidade circundante, bastante presente em **Estrêla Polar**.

«...ah, os teus olhos! Erguem-se-me aqui nesta noite de pedra, de frialdade de gruta — que extraordinária presença a de um olhar, mesmo de longe, mesmo na ausência, essa brusca inquietação de nós próprios a devassa, à placagem de um olhar fito. Quase tão corajoso aguentar-se os olhos em outras horas de muda acusação, como .. Mas outras vezes nas horas de ternura...” 5

Comunhão, solidão, angústia, alheamento, com tudo isto **Estrêla Polar** semelha-se mesmo a um ensaio interpretativo da natureza humana, ensaio vivo, penetrante, sutil e antes de tudo amargo e cruel.

Êsses elementos se vêm tão aprofundados que nos levam a sentir nas personagens do romance, desde o narrador, passando por Aída, Alda, até chegarmos a Emílio, Garcia, criaturas fora do tempo, irrealis e atingidas duramente por certas realidades, que existem pelo fato das criaturas pensarem nelas: o nascimento, a vida, a morte, o desconhecimento do “eu”, a angústia na busca da comunhão, a fuga à solidão, enfim.

(4) Ferreira, Vergílio — *Estrêla Polar*, pp. 270-271.

(5) Ferreira, Vergílio — *ibid.*, p. 105

Tudo isto nos possibilita afirmar que Vergílio Ferreira tem preferido trabalhar esteticamente com as regiões insondáveis da criatura humana, não procurando trazer somente as coisas e os atos, mas preocupando-se particularmente com o que está atrás e antes dessas mesmas coisas e dêesses mesmos atos.

Realiza assim um romance de características de todo especiais: o romance-ensaio, numa tentativa de buscar a raiz primeira do procedimento da criatura humana.

“Compreendo a tentação da caricatura: a um olhar sem mistério, os homens são a caricatura do homem. Por isso o romance tem ignorado a outra zona. Ah, escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, do alarde da nossa própria pessoa, na zona incrível do sobressalto!, Atingia não bem o que se é “por dentro”, “psicologia”, o modo íntimo de se ser, mas a outra parte, a que está antes dessa, a pessoa viva, a pessoa absoluta. Um romance que ainda não há... Porque só há romances de coisas — coisas vistas por fora ou coisas vistas por dentro. Um romance que se fixasse nessa iluminação viva de nós, nessa dimensão ofuscante do halo divino de nós”... 6

Nessa divagação percebe-se o tipo de romance que o autor de *Mudança* quer realizar: uma obra que vá além das aparências, que explique os atos humanos não por si mesmos mas por algo anterior a êesses mesmos atos; busca assim a gênese das ações e reações das criaturas.

Daí o elemento irreal a se misturar com o real, neste processo de análise fria da criatura humana. O irreal é consequência mesmo do aprofundamento da análise e da posterior síntese.

De tudo isso se infere que Vergílio Ferreira tem consciência do que deve ser uma obra de arte, no caso uma obra de literatura. É a descoberta do irreal humano através do caminho real. Eis porque a obra de ficção dêeste romancista é realizada para “raros”, para os que entendem que romance é

especialmente transfiguração da vida. Essa transfiguração consegue-a o romancista, especialmente com relação à figura do narrador, já que as outras personagens, tôdas válidas artisticamente, funcionam para explicar o drama principal do narrador. Umás com mais importância, caso do filho, de Aída, de Alda, outras menos, caso de Emílio, Garcia, enfim tudo caminha no sentido de busca de comunhão. Passemos agora ao romance **Apêlo da Noite**.

Em primeiro lugar, em **Apêlo da Noite** a preocupação com o político-social nos põe diante da relação homem-sociedade, isto é, nesta altura nós temos o que se poderia chamar de extroversão de onde Vergílio Ferreira caminhará para a introversão, superando e aprofundando os têrmos existenciais de seu romance.

Alguns elementos de interesse aparecem e seriam conservados na produção posterior do artista, tais como a presença de dois planos, um o da atualidade, outro, o da memória, interferindo-se, explicando-se, mostrando que o passado tem muito a ver com o presente, êste mergulhado naquele, num processo de continuidade do homem. Aqui, contudo, surge ainda um problema fundamental e bastante atual, talvez o cerne de **Apêlo da Noite**, qual seja a neutralidade e a busca de Adriano, a principal figura, de superá-la, resolvendo-se assim sua vida, através da busca da realização constante de um ideal, com o sacrifício final do herói e a sensação de que muito pouco foi conseguido.

O drama de Adriano se põe em dois campos: a luta consigo mesmo, linha que será aprofundada em **Aparição e Estrêla Polar**, e a busca da solução do problema político-social, que resulta inglória; assim é que tôda uma inquietação leva Adriano a agir, a lutar por algo que lhe parece merecedor de fé, consubstanciando, ao mesmo tempo, uma crítica às criaturas que o cercam e não o compreendem e ao “statu quo” social, imolando-se em relação aos dois.

Ainda aqui a atmosfera é pesada, não ocorrendo qualquer momento em que haja amenização do drama vivido por

Adriano, que não se aceita vivendo em neutralidade, pois que tudo o leva à ação participante, seja através da obra literária, daí o fato de Adriano ser um romancista, um intelectual, seja através da projeção social dos problemas, unindo-se a uma série de figuras, vivendo o mesmo problema, embora sem a autenticidade com que o faz Adriano.

Veja-se a propósito, por ironia do destino, que este vem a ter o mesmo fim trágico de Túlio, personagem de seu romance **Viagem sem Regresso**, que aliás também nada consegue realizar, numa verdadeira coerência de suas idéias com suas ações.

Ainda mais, conservando aquela atmosfera de romance sombrio, **Apêlo da Noite** vem confirmar ainda mais uma vez a angústia, uma das facetas mais marcantes da criatura vergiliana.

Adriano e seus companheiros constituem, portanto, o elemento de revolta contra um estado de coisas e cada um reage a seu modo contra a situação, mas o único que dá autenticidade às suas ações é mesmo Adriano, que aparece como protagonista nos dois citados planos de narração, o da memória e o da atualidade, buscando realizar-se em termos vivenciais na atitude para consigo mesmo e nas atitudes para com o social. Romance portanto compromissado, não parece estar em **Apêlo da Noite** aquilo que de melhor realizou Vergílio Ferreira, bastando comparar-se com **Aparição e Estrêla Polar**, onde, dando maior ênfase ao problema específico do homem para consigo mesmo, o autor abandona a atitude militante dentro do político-social.

A erudição, ou melhor a tendência eruditiva, aparece no romance ao confirmar o fato de Adriano ser um intelectual, um romancista, por exemplo, as referências a Malraux ou a Fernando Pessoa, fazendo-nos pensar em Adriano vivendo um existencialismo autêntico, humano, mas também inglório no sentido da consecução do alto no campo do prático, realizando-se contudo integralmente como uma consciência dos problemas humanos.

Tudo isso se opera num sentido de introspecção conferindo especialmente à figura de Adriano uma vida interior bastante acentuada, especialmente no plano da atualidade em que temos o intelectual a agir, a buscar conferir às suas idéias uma validade através da ação, sendo que o plano da memória é um dos exemplos de uma das ações mais dramáticas que acaba resultando na morte inglória de Adriano, um herói moderno, imolado no sacrifício em busca do seu ideal.

É afinal o romance um interrogar-se constante da criatura em busca de uma solução heróica de vida, pelo menos o é para Adriano, que vive numa profunda inquietação entre as idéias que esposa e as ações que deve realizar, tudo dentro de uma atmosfera tensa, dramática, em que os imprevistos dominam a maior parte dos lances. Adriano procura realizar-se integralmente como homem, segundo a própria idéia de Vergílio Ferreira exposta no posfácio do romance:

«E é em face da surpresa de nossos gestos ocios, da nossa pobre mecânica de gestos automáticos, que o grave problema de nossa unidade se põe para aqueles que a não estabelecem precisamente numa unidade de gestos. Ser homem é difícil. Tão difícil talvez, como é fácil parecê-lo. Porque a grande testemunha que pode decidir de sê-lo, somos nós próprios, depois de reconhecidos, para nós mesmos, até o limite do que somos — aí, donde a verdade aparece».

E mais adiante:

“Não discutimos os limites das justiças individuais. Aceitamos apenas a evidência de que um homem reconheça em face de si mesmo na sua parte mais nobre, na sua dignidade: não que se reconheça em face de outros, apenas no seu terror, na sua miséria.” (7)

Assim é que, como vemos, toda a problemática de Adriano reside na adequação de sua pessoa consigo mesmo, e isto envolve também uma luta social, pois sua humanidade se realiza através desta projeção exterior de seu ser, daí sua movimentação constante, sua busca permanente em direção ao ideal.

(7) Ferreira, Vergílio — *Apêlo da Noite*

Especialmente a fuga à realidade confere a Adriano um valor maior nesta busca de um equacionamento maior do problema humano. Veja-se, por exemplo, a sinceridade com que o herói se põe a pensar e dramatizar o sofrimento humano, jamais caindo num sentimentalismo vazio, daí sua autenticidade, sua validade como figura humana e como personagem de ficção.

Tôda esta luta de Adriano, por outro lado, se transfere para o problema do amor com relação a Rute, talvez a única criatura que realmente busca entendê-lo na sua inquietação com relação à vida em que seus atos é que explicam e ainda ampliam as idéias e as impressões que se possam ter das coisas.

Consegue o herói assim superar a neutralidade, através da busca de concretizar em atos as suas idéias, resolvendo-se num sentido existencial o seu processo de vida.

Vejamos agora **Cântico Final**, onde Vergílio Ferreira busca observar a criatura humana, frente a si mesma (facêta mais importante da obra) e ainda diante da problemática social, duas direções que devem integrar-se para a solução do conflito.

Portanto, duas vidas paralelas se colocam na problemática humana de **Cântico Final**: uma, que poderíamos chamar de doméstica, particular, onde o ser se encontra sempre a sós consigo mesmo, outras, em que êle derrama-se numa problemática social, muitas vêzes política, numa busca de superação da neutralidade, para êles fonte de mal estar moral e espiritual.

Ainda em **Cântico Final**, as criaturas se debatem entre um certo espiritualismo e um intenso e indisfarçável sensualismo, que seria uma das facêtas do chamado existencialismo de Vergílio Ferreira. Mulheres com toques de profunda sensualidade estão aqui presentes como Guida, a criatura que mais impressionou Mário, em tôda a sua vida. **Em Aparição**, também ocorre a presença de uma criatura sensual, marcante.

Mas também em **Cântico Final**, o protagonista Mário estabelece um processo crítico com relação à mulher, daí derivar uma certa autodefesa que permite ao homem superar êstes aspectos menos enobrecedores de seu caráter. Esta superação só pode ser explicada pelo fato dos protagonistas viverem um processo mental profundo, numa justificação até o limite daquilo que é a vida.

Em **Manhã Submersa**, a problemática muda um pouco, pelo fato de o romancista associar a problemática da infância com a do adulto, num processo de narração em que o adulto explica criticamente certas atitudes e ações da criança. É um dos poucos romances de Vergílio Ferreira, em que o estudo da criança na altura em que vai entrar no seminário, é proposto em termos de romance. O drama aqui reside na inexistência da vocação em luta contra aquilo que era a atração para o jovem Antônio. Um processo de angústia se inicia quando o jovem pela primeira vez avista o seminário, começando daí a sua dolorosa provação, crise e conseqüente evolução:

“Foi quando, ao vencermos uma rampa da estrada. mudo das sombras de uma espera, começou a erguer-se, terrivelmente, desde os abismos da terra, o vulto grande do Seminário.

Cá estamos — murmuraram em rejor. Quisto um momento, no longo pavor da noite, olhei do fundo da minha solidão a mole enorme do edificio e arranquei para a minha alóeia distante um grito de dor tão profundo que só eu o ouvi.” 8.

Cântico Final constitui outro romance de Vergílio Ferreira em que a atitude intelectualista surge indisfarçável, partindo-se da própria personagem principal Mário, um pintor que luta com uns tantos problemas de ordem financeira, daí precisar dar umas aulas, o que não está de acôrdo com o seu caráter.

Mário participa de reuniões sociais, onde se discutem, às vêzes, acacianamente os problemas artísticos e humanos. Ainda aqui, a preocupação da arte literária com outras artes

é evidente. Surge a tendência a mostrar que certos momentos de eternidade estão associados com o processo do êxtase fornecido ou melhor, proporcionado pela arte, aqui pela dança. Dela deriva a fantasia, a imaginação de outro mundo, enfim um mundo de irreabilidade.

“E quando os violinos vibraram, pelo salão, Elsa apareceu, cerrada, instantânea deslizando “em pontas”, alada e bela. Fortissimo e subtil, o seu corpo cantava nos limites da alegria e da morte. Os braços esboçavam um lance de vôo, enleavam todo o corpo num assomo de espaço. Cântico do fim, vertigem do fim. Uma vívida força estremeceia ainda no belo corpo ferido, erguia em flecha um grito derradeiro até aos limites da noite. Por entre a chuva dos violinos, uma harpa ecoava longe, como um apêlo da terra. E a terra parecia enfim ter razão —, a razão das vozes profundas, a dessa força solene que absorve, renova e passa: então os braços da bailarina desciam, fechando-se de resignação. Porém, mais forte que a dor, quê a certeza do fim, a alegria da vida, o seu aceno perene. E em todo aquêlo corpo frágil vibrou de nôvo o ardor, uma memória de sangue, um último protesto. Até que, vencidas, as pernas vergaram enfim, a condenação desceu sobre o instante da graça. Uma asa procurava ainda no ar o último eco da vida. Depois, todo o corpo se recolheu a si, resignado, para que nada dêle se furtasse à morte, fôsse bem, todo ê'e, a aparição do milagre que não volta.” 9

Aqui em **Cântico Final**, contudo, um aspecto está mais evidente: o tom polêmico do romance, que diminui um pouco o sentido da ficção do mesmo. Em certos capítulos, as personagens permanecem em longas discussões acêrca de problemas sociais, literários, humanos, quase transformando o romance em ensaio filosófico, acêrca de uns tantos problemas.

Ferreira afoga um pouco a ficção, o plano da irreabilidade. Nota-

Portanto, aqui, pretendendo fazer mais ensaio, Vergílio se ainda um certo tom eruditivo que, claro, nada tem a ver com a erudição, e fazem parte do sentido de interpretação crítica, a que Vergílio Ferreira submete suas personagens.

Assim, o romance de Vergílio Ferreira, antes de ser o relato de uma história, em têrmos de ficção, constitui-se numa

(9) Ferreira, Virgílio — *Cântico Final*, p. 45.

interpretação da alma humana, com sentido ensaístico e mesmo muitas vezes polêmico, no sentido de agitar os problemas da criatura humana. Portanto, Vergílio Ferreira realiza um tipo de romance diferente que atinge a esta nova problemática: o romance-ensaio, sem sacrifício da ficção e que conduz sua obra a uma visão universal dos problemas.

Ainda mais, em seu romance, o aspecto existencialista é válido no sentido de fazer a criatura humana verter-se para dentro de si mesmo, e, através muitas vezes da longa vivência em solidão, aprofundar a sua humanidade.

Outro aspecto que sempre pareceu ter interessado ao romancista é a preocupação com associar os interesses das suas personagens com outras artes, ligando a literatura com outras manifestações artísticas. Não é à toa que a pintura tem grande importância em **Cântico Final**, o mesmo ocorrendo com a música em **Aparição** e a dança em **Estrêla Polar**.

Todos caminhos da arte servem à libertação, já que outras possibilidades de libertação como a religião, e a filosofia estão fora da ficção de Vergílio Ferreira, a não ser no ponto em que são consequência desta mesma ficção.

Em **Cântico Final**, Mário é um pintor ultra-exigente consigo mesmo e com os outros e que de certo modo está desligado da problemática social que o cerca.

Ainda neste romance, a duplicidade dos planos, numa perfeita integração do passado com o presente, se acha evidente, nisto aparecendo uma preferência pelo processo de quase psicanálise proposto com relação à criatura humana, em que se mesclam o sonho e a realidade. Neste aspecto, o romance de Vergílio Ferreira supera o neo-realismo, no que êle tem de esquemático e de preocupação social, para centrar seu problema não na luta do homem com a sociedade, mas na integração consigo mesmo, no despertar e na luta interna, que vai levar, é claro, ao amadurecimento maior.

Portanto, o romanesco permanece no segundo plano, já que o primeiro plano se prende a esta explicação que se quer dar acêrca da situação do homem, quase uma visão kafkiana transportada para o plano do psicológico, mais pròpriamente da auto-análise.

Portanto, ficção e filosofia se reúnem em Vergílio Ferreira, para aprofundar os tons do romance. E é Antônio Quadros que esclarece bem a problemática mais profunda de Vergílio Ferreira, quando afirma:

“A exigência filosófica é ingrediente indispensável e insubstituível de todo o verdadeiro artista. Entre os fatores mais positivos da nossa época figura em primeiro plano o certificado de responsabilidade que é a meditação e o desenvolvimento racional e especulativo da visão do mundo pela qual se transcende a obra literária ou artística. Se a literatura é expressão conhecimento comunicação, como poderia ela dispensar o aprofundamento especulativo prèvio ou paralelo dos seus pressupostos humanos, cósmicos, ontológicos, históricos ou teológicos? Epidérmico e irrelevante seria sem dúvida o escritor que não fôsse um pensador.» 10

Esta síntese marca e esclarece bem aquilo que Vergílio Ferreira quer estabelecer com seu romance: não a história do homem, a ficção sôbre o homem, mas sua interpretação humana e crítica, que pode partir, muitas vèzes, de dados biográficos do autor.

Um problema candente em **Manhã Submersa** reside naquilo que é a análise do sistema de vida de um seminário retrógrado em Portugal. Há ali uma falta de humanidade e de compreensão para com a criatura humana, no caso jovens angustiados, não sabendo que direção tomar na vida.

Dai as angústias, os desesperos, as incompreensões, e a aproximação dos jovens que lutam desordenadamente, que têm os mesmos problemas. Os jovens não podem entender o processo, não podem se ajustar, o ambiente é totalmente hostil

(10) — Quadros, Antônio — *Crítica e Verdade*, Lisboa, Clássica Editôra, 1964, p. 107.

e contrário à sua humanidade e as suas boas tendências. Daí, sofrem profundamente dentro do seminário e neste sofrimento está um profundo sentido existencial, que vai permitir-lhe a evolução dentro de um processo inevitavelmente doloroso e até mesmo traumático.

O próprio sentido ambiental leva a esta sufocação, a esta angústia. O romance na sua maior parte se passa entre as quatro paredes de um seminário que sufoca não só pelo seu aspecto escuro, sombrio, como pelas criaturas que estão morando nesse mesmo seminário. Não há, na história tãda, quase nenhum momento de calma, de alegria, uma tristeza permanente domina o longo casarão do seminário. Tãdas as ações ocorridas aqui, vão explicar, ao final do romance, a situação em que se encontra a criatura, especialmente Antônio, já adulto, a auto-analisar o que foi a sua vida de longos e terríveis desesperos.

Outro problema candente no romance é o despertar do sexo no jovem, processo natural que é destorcido, criando grandes dramas, por aquela educação fria, rígida e despótica do seminário, onde, ao invés de esclarecer as coisas, vêm-se os pobres jovens, cada vez mais confusos.

Em um momento em que se encontra com Carolina, Vergílio Ferreira coloca bem o drama moral do jovem:

“Quando entrei na cozinha, Carolina, de costas para mim, remexia em tachos, indiferente. E eu pasmei como ela não tinha fugido com a sua vergonha para o cabo do mundo, ou não tinha atado uma corda ao pescoço. Ou acaso, ó Deus, a vida para além de mim seria assim tão fácil e natural? Trêmulo e deslumbrado olhei ainda Carolina, obliquamente, olhei o vulto das suas ancas, revolvidas com desembaraço, enquanto limpava os tachos. E de novo me senti infeliz, sem saber porquê. Era como se a vida me tivesse ludibriado desde sempre, e de súbito me visse no meio de um grande círculo, e milhares de braços estendidos, a tãda a roda, apontassem sãbre mim dedos ossudos de escãrnio. Meti-me no quarto, fechei a porta por dentro.” 11

Na formação desta angústia, aliás necessária para a criatura humana, Vergílio Ferreira estabelece com **Manhã Submersa** um libelo contra a orientação religiosa mal concebida, aquela que vai contra a liberdade humana e contra, portanto, o direito de opção. Dêsse modo o romance permanece como que um início de processo daquele tipo de romance ensaio, de interpretação crítica da criatura humana que vai ocorrer em romances posteriores, como **Aparição** e **Estrêla Polar** e no próprio **Apêlo da Noite**.

Um aspecto, embora exterior, mas também significativo na mostra da tendência de fazer do romance, ensaio, é a preocupação com a realização de obras de sentido ensaístico. É o caso do ensaio acêrca de **O Existencialismo é um Humanismo** e o do ensaio acêrca de Malraux. Ora, Vergílio Ferreira, pelas palestras que tivemos com êle, quando da nossa estada em Lisboa, pareceu-nos profundamente informado acêrca do romance francês e norte-americano. Portanto, a problemática universal do romance o impressiona. Isto o levaria a propugnar também pela problemática universal do romance português, e para êle isto sòmente será possível se forem discutidos os problemas das personagens, alargando para uma problemática mais geral, quer dizer, estabelecendo idéias acêrca do romance e das personagens, fazendo com que estas exponham suas idéias com relação à criação literária e mesmo artística em geral, muitas vêzes chegando à polémica. Isto leva ao romance-ensaio, que é um pouco menos ficção e um pouco mais discussão.

Claro que além dêste processo discursivo e ensaístico, alguns temas gerais enformam os romances de Vergílio Ferreira: a luta contra a neutralidade em **Apêlo da Noite**, a comunhão humana em **Estrêla Polar**, a possibilidade da criatura propiciar a revelação nas outras criaturas em **Aparição**, a crítica velada à falsa educação proporcionada por um seminário em **Manhã Submersa**, a afirmação do artista em **Cântico Final**. Tudo dentro de processo cada vez mais profundo na interpretação do ser humano, levando-nos a pensar que o ro-

mancista está preocupado, como já observamos anteriormente em pensar fazer da obra de ficção, trabalho de pensador.

Assim é que devemos ver, no romance de Vergílio, pelo menos nos que aqui analisamos, alguns mais profundamente, outros menos, uma tendência menos de mostrar o homem em ação, que interpretar ensaísticamente, dentro de duas linhas perfeitamente ajustadas: a linha existencial sustentada por uma visão essencial do homem, a luta intensa dentro de um plano espiritual para superar a sensualidade, ou pelo menos, para pô-la em seu devido lugar, ou ainda para mostrar que na problemática humana, o aspecto materialista como que se transforma pelo pensar, pelo refletir em positivos dons espirituais.

Achamos que são estas e não são poucas, as principais virtudes do romance de Vergílio Ferreira, indubitavelmente, das maiores vocações romancísticas da atualidade portuguesa, sem se deixar de destacar outras grandes vocações literárias portuguesas, caso de José Rodrigues Miguéis, Fernando Namora, José Régio e outros.

Concluindo acreditamos que, embora ligado à chamada fase neo-realista do romance português, lembramos que Vergílio Ferreira superou a problemática meramente social a que se liga, por exemplo, a ficção de Fernando Namora, Alves Redol e Ferreira de Castro, por assim dizer figuras da ortodoxia do neo-realismo. Busca assim o romancista de **Aparição** a dramática do homem em face de si mesmo, tentando soluções em termos de seus problemas. Não a solução transitória em termos de vivência social. É verdade que, em certo sentido o romancista aceita a condição social do homem, mas dá muito maior ênfase ao sentido essencial e existencial do homem como única testemunha de si mesmo. Aprofunda assim, e dá nova direção à moderna ficção em prosa portuguesa.

Vergílio Ferreira já contribuiu e bastante para a ficção portuguesa mas acreditamos que tem potencial para oferecer ainda mais, isto porque não lhe falta a perfeita consciência do

caráter humano, pôsto em têrmos de essencialismo e existencialismo.

Bibliografia

- Ferreira, Vergilio — **Aparição**. Lisboa, Portugália Editora, 1960.
Estrêla Polar. Lisboa, Portugália, Editora, s/d.
Cântico Final. Lisboa, Editora Ulisséa, s/d.
Manhã Submersa. Lisboa. Portugália Editora, s/d.
Apêlo da Noite. Lisboa, Portugália Editora, 1963.
- Quadros, Antônio — **Crítica e Verdade** — Introdução à Atual Literatura Portuguesa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1964.
- Moeller, Charles — **Humanismo y Existencialismo**. Buenos Adres, Ediciones Humanismo, 1959.